



Um tesouro baiano que precisa ser preservado

Campanha colhe assinaturas para pedir tombamento da obra do artista plástico Juarez Paraiso

Gil Santos
REPORTAGEM
gilvan.santos@redabahia.com.br

Um dos artistas plásticos mais importantes da Bahia, Juarez Paraiso, 88 anos, tem grandes criações espalhadas por Salvador, que nem sempre recebem o tratamento que merecem. Por isso, intelectuais,

amigos e admiradores do artista lançaram, ontem, uma campanha para tombamento das obras do baiano, nome fundamental da segunda geração modernista no estado.

É difícil encontrar um estudante de artes que nunca tenha ouvido o nome de Juarez Paraiso. O artista, que também foi professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (Ufba), começou a

•• A obra de arte é cada vez mais ameaçada, não só pelo tempo, mas também pela falta de interesse em preservar Juarez Paraiso
Artista plástico



carreira na década de 1950, impulsionada por duas premiações em 1952, no 2º Salão Universitário Baiano de Belas Artes. Não parou mais.

A importância dele está na criação de obras em espaços públicos e privados, nas técnicas usadas e nas pesquisas desenvolvidas ao longo de sete décadas de trabalho. Os destaques estão na produção de arte abstrata em desenho e gravura,

grandes murais e calçadas.

O restaurador José Dirson Argolo, que integra o grupo criado para tratar do tombamento, contou que a ideia surgiu há dois meses. As reuniões acontecem no atelier dele, no Garcia, e o grupo está recolhendo assinaturas para apresentar ao Governo do Estado e à Prefeitura de Salvador.

“Juarez é um dos mais importantes artistas modernos

•• O tombamento é para que as obras não continuem sendo destruídas ou deixadas para se destruir
José Dirson Argolo
Restaurador

FOTOS DE MARINA SILVA



Juarez tem grandes obras em espaços públicos e privados

Em 2000, os painéis de Juarez Paraiso que ficavam no Cine Art I e II, no Politeama, destruídos em 1988, foram destruídos a marretadas pela Igreja Evangélica Renascer em Cristo, que havia comprado o prédio. Um mural de 40 metros quadrados para o antigo Cine Bahia, na Rua Carlos Gomes, também foi desfeito pela Igreja Evangélica Universal.

Mas ainda é possível encontrar obras do artista pela cidade. Quem vai ao Parque de Exposições Agropecuária, na Avenida Luís Viana Filho (Paralela), precisa passar pela obra *Gestação*, escultura e 3m de altura e 9 m de extensão, que fica no canteiro central, em frente aos portões. Ela é de fibra de vidro e deveria ser toda branca, mas a pintura está sendo coberta pela sujeira e rabiscos.

Já no Parque Metropolitano de Pituçu fica *Invertebrado*, uma obra de 1979, em relevos de massa de cimento e barro. Em algumas regiões o vidro (pequenos azulejos ou pastilhas) cedeu pela ação do tempo e há grama crescendo na base da escultura. A situação mais crítica é do mural da Secretaria de Agricultura, no Centro Administrativo da Bahia. Ele tem limo, rachaduras, vegetação alta e perdeu parte das peças.

O mural e o calçadão do Edifício Monsenhor Marques, no Largo da Vitória, inaugurados em 1978, também são obras de Juarez. A Escola de Belas Artes tem uma página dedicada ao artista, localizando-o na segunda geração do modernismo da Bahia, juntamente com Calasans Neto, Sante Scaldaferrri, Jenner Augusto, Betty King, Adam Firnekaes, Riolan Coutinho, Leonardo Alencar, Sonia Castro e Jamison Pedra.

Nos anos 1970, 1980 e 1990, Juarez produziu intensamente e estabeleceu uma relação estreita com Salvador, desde as inúmeras obras em vias públicas, como calçadas e painéis a céu aberto, até peças permanentes em prédios públicos e edifícios privados, como condomínios e hospitais. Em cada canto da cidade, o artista foi deixando as próprias marcas.

contemporâneos da Bahia, e suas obras estão em sua quase totalidade na cidade do Salvador, mas infelizmente muitas delas vem sendo destruídas ao longo dos anos por não terem nenhuma proteção legal, como aconteceu no Cine Tupi e no calçadão da Praça da Sé. A lei de tombamento protege a obra do artista e garante sua preservação para a posteridade”, afirma Dilson

Nos bastidores, o grupo vem travando contato com representantes municipais e estaduais, fazendo um estudo de todas as obras de Juarez e preparando a papelada que será entregue aos órgãos públicos. A expectativa é concluir tudo em até 60 dias. “O tombamento é para que as obras não continuem sendo destruídas ou deixadas para se destruir pelo próprio tempo”, completa.

GRANDES OBRAS

A intenção é que a proteção da lei alcance as peças que estão em espaços e prédios públicos e propriedades privadas. Um abaixo-assinado está disponível on-line (Instagram / @juarezparaiso.tombamento) e também de forma presencial na Escola de Belas Artes, no Canela, e no Palacete das Artes, na Graça - onde

atualmente há uma exposição em homenagem ao artista, em cartaz até o dia 7 de maio.

O objetivo é alcançar 10 mil assinaturas, e há mobilizações também no interior, nas cidades de Cachoeira, Jequié e Vitória da Conquista. A ex-diretora e atual professora de escultura da Escola de Belas Artes, Nanci Novaes, foi aluna de Juarez Paraiso. Ela contou que a sala de aula era o atelier do artista e que ele deixava os estudantes à vontade para questionar.

“É indescritível o valor estético, material e de memória da obra de Juarez Paraiso. Ele foi professor da escola por 60 anos, tem 70 anos de arte e é um professor que deixou inúmeros discípulos e admiradores. A obra dele representa toda a grandeza da sua arte e merece ficar eterna, ser preservada e cuidada”, destaca.

Ela acredita que o tombamento pode ajudar a abrir caminho para a preservação das produções de outros artistas baianos. Quando uma obra é tombada, ela fica sob a proteção da prefeitura, do estado ou do governo federal. A peça não pode mais ser demolida e o poder público assume a responsabilidade sobre a conservação da obra.

Presente no lançamento, Juarez destacou que não há nenhuma obra de arte que não seja contextual. “Não existe a sagrada inspiração, o que existe é muito suor e a vivência que cada artista tem”, disse, e completou: “A obra de arte é cada vez mais ameaçada, não só pelo tempo, mas também pela falta de interesse em preservar o que há do tesouro artístico baiano. Esse tesouro artístico pertence à comunidade, ao povo, e deve ser uma coisa sagrada do ponto de vista de ter o estado como sendo o cuidador desse tesouro. Eu me considero apenas uma referência para esse cuidado”, disse.

O grupo de trabalho responsável pela campanha de tombamento é composto pela artista Marcia Magno, ex-diretora da Escola de Belas Artes e esposa de Juarez, os restauradores José Dirson Argollo, Waldemar Silvestre e Angelica Borges, a gestora cultural Angela Andrade, e o publicitário João Silva, também responsável pela comunicação e criação da marca do projeto.

A Secretaria de Cultura da Bahia (Secult) foi procurada para comentar o estado de conservação das obras, mas não se manifestou.

1 Invertebrado
 Obra no Parque Metropolitano de Pituçu está com algumas pastilhas soltas **2 Vitória**
 O mural e o calçadão do Edifício Monsenhor Marques, são obras do artista, de 1978 **3 Abandono**
 O mural da Secretaria de Agricultura, no Centro Administrativo da Bahia, está em péssimo estado de conservação **4 Abaixo-assinado**
 Juarez ao lado do cartaz da campanha pró-tombamento

Artista se destaca pelo domínio da pintura, escultura e desenho

Juarez Marialva Tito Martins Paraiso nasceu em Rio de Contas, município da Chapada Diamantina, em setembro de 1934. Era o terceiro filho de Isaltino Concéio Paraiso, um homem negro, e Eulália Martins Alves Paraiso, mulher branca. Quando Juarez tinha 8 anos, a família se mudou para Salvador, porque o pai dele, um democrata, sofria ameaças dos coronéis. Na capital, Isaltino trabalhou como contador e professor.

Na capital, Juarez começou e ter mais contato com histórias em quadrinhos, aventura e ficção científica. Inspirado nos desenhistas Alex Raymond, Harold Foster, Will Eisner e Burne Hogarth, ele começou a criar os próprios álbuns.

Isaltino apresentou alguns desses trabalhos para o artista e professor da Escola de Belas Artes, Raymundo Aguiar, que recomendou que o jovem fizesse um curso no Instituto Baiano de Artes Plásticas. O conselho foi seguido e, cerca de um ano depois, Juarez prestou vestibular e foi aprovado na Ufba, aos 17 anos, onde estudou pintura, gravura e escultura.

Hoje, ele é professor Emérito da Universidade, membro da Academia de Letras da Bahia, da Academia Brasileira de Ciências e da Associação Brasileira de Críticos de Arte. O domínio das diversas técnicas da pintura, da gravura, do mosaico e da escultura rendeu ao artista prêmios e indicações, mas quando perguntado qual a fonte de inspiração, Juarez dá um sorriso discreto e responde: “a própria vida”.